



d o s s i ê

imageologia

Organizadoras:
Luciana Martha Silveira
Denize Correa Araujo

Com o título de “Imageologia”, uma interação dos vocábulos “imagem” e “logos”, do grego, significando estudo, descrição, relato, tratado, discurso, esta publicação oferece imagens que são questionadas ou revisitadas, inventadas ou pesquisadas, e que objetivam uma reflexão sobre o estatuto da linguagem visual descrita pela verbal. Ousamos nos apropriar também de uma conotação especial de “Imageologia”, ou diagnóstico por imagem, em uso nas Ciências Biológicas, que utilizam radiografias digitais como objeto de pesquisa.

Outra conotação para o termo “Imageologia” vem do conceito de imagem como biombo, ou seja, as imagens como mediações entre o homem e o mundo, segundo Vilém Flusser. Neste contexto, o homem vê o mundo em função das imagens, cessando de interpretá-las para vivenciá-las como a sua própria realidade, magicizando-as e, ao mesmo tempo, remagicizando a própria vida.

Doze artigos compõem este número da revista “Tecnologia e Sociedade”. Todos nos oferecem imagens a serem desvendadas. Alguns textos interagem, outros se distanciam, se analisados em relação à temática ou ao enfoque escolhido. Alguns pontos convergem, enquanto outros são diametralmente opostos, constituindo uma polifonia de vozes nem sempre harmoniosa, mas sempre produzindo reflexão sobre a imagem.

Anabela Moutinho nos traz as imagens de Pedro Costa, cineasta português que escolheu a câmera digital para produzir suas impressões sobre a vida cotidiana sem efeitos, ao natural, seguindo a estética do cinema iraniano, ou aos moldes de Bresson, mas procurando dizer o oculto, uma leitura feita nas entrelinhas, no que é insinuado, no interior dos personagens, na construção de uma consciência das responsabilidades sociais. Também neste enfoque de re-elaboração subjetiva da realidade figura o texto de

David Foster, que analisa imagens da fotógrafa suíça naturalizada alemã Hildegard Rosenthal, que captou imagens de São Paulo entre os anos 30 e 40, deixando um legado relevante, que registra cenas urbanas com trabalhadores, sem artifícios, cenas que traduzem o espírito da época e que contemplam a constituição da cidade em seu aspecto demográfico e em seu transporte inusitado: o trolley, que representava a mobilidade já crescente da cidade, ao se transformar no maior centro industrial da América Latina.

Gottfried Stockinger e José Bártolo convergem ao assegurar aos computadores algo mais do que o papel de simples processadores de informação. Stockinger argumenta que, se o computador pode produzir significado por si mesmo, não deve ser considerado só suporte ou ferramenta e sim um sistema de sentido autopoietico. Bártolo o classifica como gerador de realidade, especialmente a partir da década de 90, quando os computadores foram capacitados a gerar ambientes virtuais e mundos multissensoriais. Por outro lado, Stockinger encaminha seu texto no sentido de sugerir alternativas, como a hipótese de que os meios são extensões do homem (McLuhan), ou o homem é extensão dos meios, ou ambos interagem, como cyborgs. Embora sem ser categórico, Stockinger argumenta que após a vitória de Deep Blue no jogo de xadrez contra o campeão mundial, o status dos computadores obteve um upgrade automático. Bártolo, por sua vez, toma outra direção, passando a discutir os conceitos de Deleuze sobre agenciamentos maquínicos e enunciativos, concluindo com a definição de propriocepção hiper-real.

Dentro da proposta de conceituar e tentar mapear a Realidade Virtual, Bártolo dialoga com o real em devir virtual x o virtual em devir real. A dialética entre os dois ambientes é por ele definida como terra dos sonhos, o que pode ser associado com o texto de José Filipe Costa, quando este afirma que o espaço do Cinema, do espectador que vai ao cinema, é uma outra realidade. Apesar de Costa não ter citado o termo realidade virtual, podemos sugerir que esta realidade, a que se refere quando pondera que o corpo precisa se preparar e adequar para entrar no universo do cinema, pode ser também considerada uma hiper-realidade. Se para entrar na RV é necessário o uso de equipamento, como capacete e óculos, a entrada no Cinema, este universo trans-cartesiano (Epstein),

requer preparação emocional, além de física. O autor discorre então sobre o modelo psicofisiológico.

Ainda no campo do virtual, mas enfocando o ciberespaço, estão os artigos de Fabio Duarte e Denize Araujo, que dialogam sobre a rede, convergindo em certos pontos e tomando rumos diversos em outros. Duarte oferece imagens da urbe virtual que se alastra cada vez com mais rapidez, sugerindo um espaço híbrido, o entre-cidades, a interface real-virtual. O autor tem por base Zielinski e seu conceito de knowbots, definindo como sua metáfora a do agenciamento informacional. Araujo sugere que a hipertrópole digital (como denomina a Internet e suas interfaces digitais, como a telefonia móvel e a TV digital) está substituindo a real em alguns aspectos, analisando-a tendo o rizoma (Deleuze-Guattari) como metáfora.

Ambos reconhecem o imenso potencial da cibermídia como canalizadora de inovações e de transformações culturais capazes de alterar hábitos culturais e criar novos imaginários.

Outros artigos que compartilham a idéia de uma realidade extra, uma realidade construída, são os de Fernando Andacht e Luciana Silveira. Embora não seja uma realidade virtual, ambos falam de uma realidade sobreposta, criada. O artigo de Andacht analisa a imagem da celebridade na mídia. Mais do que uma simples máscara, a mídia leva à fama seus ídolos assim como idolatra seus famosos. O fator interagente com o texto de Silveira é o fato do mesmo versar também sobre um aspecto supra real, um super-estrato artificial que pode ser considerado uma realidade virtual metafórica. Pela mídia, Evita e Guevara se tornam super humanos, adquirem uma força extra, integram o terreno dos mitos. Por outro lado, Silveira recria imagens, sobrepondo uma esfera hiper-real, propondo uma nova leitura cromática a partir de imagens fotográficas em preto-e-branco. Nove eventos de cor são colocados como realidades construídas a partir da cultura, ou melhor dizendo, como flagrantes manifestações culturais. Realidade transcriada, metáfora hiper-realista.

Manuela Penafria e Vítor Reia-Baptista nos oferecem suas preocupações com o aspecto ilusionista do cinema, seja este ficcional ou documental (Penafria), analógico ou digital (Reia-Baptista). Penafria se questiona sobre o lugar do filme documentário, que está cada vez

mais complexo para ser catalogado. A autora sugere que o gênero é “de fronteira”, ou seja, um produto híbrido: “toda a imagem é ao mesmo tempo falsa e verdadeira”, fornecendo uma impressão de realidade. Para Reia-Baptista, a projeção digital está acentuando os mecanismos ilusórios, com sua ênfase na qualidade da imagem multimídia. O autor discorre também sobre as permutas entre códigos e linguagens, das artes, da arquitetura, do cinema, da escultura. Ilusão e percepção visual, para o autor, são conceitos inerentes à cena artística.

Também no universo artístico está o ensaio de Silvia Rosado, sobre o processo criativo de Helena Almeida que, através da fotografia, retrata a pintura em sua inacessibilidade, em sua mudez. A autora sugere que a obra de Almeida está permeada de interiores, é o corpo buscando seu âmago, “um corpo esvaziado, sem órgãos” (Deleuze), em busca de si mesmo, na escuridão de seu interior. Sua procura parece convergir com a do cineasta Pedro Costa, cujos personagens se buscam incessantemente, em solidão, em seu transporte para a morte, em sua dialética vida-morte. A fotografia de Almeida pinta um imenso espaço preto, como a descida ao interior, como se nossos olhos fossem tateando um espaço desconhecido, escuro e obscuro, tentando ultrapassar os limites do corpo. Interface no limite.

Assim, as imagens aqui ofertadas podem ser vistas como radiografias urbanas, virtuais, metafóricas, ou informacionais, tentando diagnosticar o cenário contemporâneo pós-moderno das imagens híbridas, ao mesmo tempo fragmentadas e intensas no seu discurso.

.....

Luciana Martha Silveira

Doutora em Comunicação e Semiótica, professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia (PPGTE) da UTFPR.

Denize Correa Araujo

Coordenadora do Mestrado em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná (UTP).
[denizearaujo@hotmail.com]